

Projeto de Pesquisa

Beleza e virtude na filosofia de Shaftesbury

Pesquisador: Prof. Dr. Luís Fernandes dos Santos Nascimento (UFSCar)

Supervisor/ Docente proponente: Prof. Dr. Márcio Suzuki (USP)

2018

I. Objetivo

Trata-se de analisar as relações que se estabelece entre os âmbitos da moral e da estética no interior do pensamento de Anthony Ashley Cooper, o terceiro conde de Shaftesbury (1671-1713).

II. Justificativa

O presente projeto pode ser visto como uma continuidade de duas pesquisas anteriores. A primeira, realizada em nível de doutorado e defendida em regime de cotutela entre a USP e a Université Blaise Pascal (Clermont-Ferrand, França) no ano de 2006, sob a orientação dos professores Márcio Suzuki (USP) e Laurent Jaffro (então professor da Université Blaise Pascal), deu origem ao livro *Shaftesbury e a ideia de formação de um caráter moderno*, publicado pela editora Alameda em 2012. Neste trabalho, procurou-se analisar a importância da noção de modernidade contida na filosofia de Shaftesbury.

A segunda pesquisa, em nível de pós-doutorado e de duração de 3 meses, foi realizada nos quadros de um acordo (CAPES-COFECUB) entre a Universidade de São Paulo, a Universidade Federal de São Carlos e a Université Paris 1 – Panthéon Sorbonne. Nela, detivemo-nos no estudo de um texto específico de Shaftesbury, a saber: *O Julgamento de Hércules*. Nesta ocasião, início de 2015, foi feita uma tradução para o português da referida obra, tradução que poderá vir a lume em breve.

Na presente pesquisa, embora ainda se leve em consideração o *Julgamento de Hércules*, busca-se um aprofundamento do conceito de virtude, tal como ele aparece na *Investigação sobre a virtude ou mérito* e, a partir daí, examinar os vínculos entre o âmbito moral (próprio da virtude) e o estético.

III. Introdução

Eminente figura da chamada Filosofia das Luzes, o pensador inglês Shaftesbury é comumente lembrado como sendo um dos autores que inauguram a reflexão estética

moderna no início do século XVIII¹. Mas juntamente com a contemplação das belezas naturais e artísticas, a filosofia do britânico apresenta uma noção de natureza humana e de moral que não estão desvinculadas da consideração de questões que envolvem o tema do belo. Em uma obra dedicada à análise da virtude como valor moral, Shaftesbury já nos apresenta elementos que nos permitem pensar que a avaliação da moralidade e o exercício de uma vida moral exigiriam uma capacidade de exame e de crítica similar àquela que se demanda para contemplação e análise da beleza. A obra em questão tem como título *Investigação sobre a virtude ou mérito* (*An Inquiry concerning virtue, or merit*). Anexada ao livro chamado *Características dos homens, costumes, opiniões, tempos* (*Characteristicks of men, manners, opinions, times*), que Shaftesbury publica primeiramente em 1711, tendo uma segunda edição preparada pelo autor e publicada em 1714 (quando Shaftesbury já havia morrido), a *Investigação sobre a virtude*, como é conhecida, teve grande repercussão e influência ao longo do século XVIII, como atesta a tradução que dela se fez para o francês em 1745, versão essa que teve como tradutor ninguém menos do que o jovem Denis Diderot, que em breve se tornaria célebre pelo seu trabalho como editor da não menos célebre *Encyclopédie*.

Estudiosos da obra de Diderot, como Jacques Chouillet, Yvon Belaval e Arthur M. Wilson², não deixam de destacar a importância que esse contato com Shaftesbury teve para a elaboração do pensamento do enciclopedista. Ele mesmo, em carta dirigida ao amigo Jean-Jacques Rousseau, de 16 de março de 1745, explica o tipo de relação que havia estabelecido com o texto shaftesburiano que traduzira:

“Eu o li e o reli, estou tomado por seu espírito e, por assim dizer, fechei o seu livro assim que peguei minha pena. Jamais se usou do bem de outro com tanta liberdade.”³

Diderot fala aqui do modo como verteu para o seu idioma a obra de Shaftesbury, maneira essa que testemunha a influência que o inglês teve sobre ele: a liberdade com que a sua tradução foi feita, marca também o que os estudiosos identificam como sendo o início da carreira filosófica de Diderot. Mais do que uma

¹ É o que nos lembra, por exemplo, E. Cassirer no último capítulo de seu célebre *Filosofia do Iluminismo*.

² CHOUILLET, J. *La formation des idées esthétiques de Diderot*; BELAVAL, Y. *La esthétique sans paradoxe de Diderot*; WILSON, A. M. *Diderot*.

³ Carta de Diderot a Rousseau de 16 de março de 1745 *apud* BADELON, F. *Introduction*, pp.33-34, grifo nosso.

mera tradução feita de modo um tanto livre, o *Essai sur le mérite et la vertu*, título com o qual a *Investigação* de Shaftesbury aparece na França, pode ser visto como um documento a partir do qual podemos entender como a filosofia de Shaftesbury atravessa o Canal da Mancha e chega ao Continente Europeu. Mas para entender o modo como os franceses e, a partir deles, os alemães (como Lessing, Winckelmann e, posteriormente, Kant) leram o pensamento do filósofo inglês, e em que medida eles lhe dão continuidade, o deturpam ou o aprimoram, cumpre que se pergunte por sua forma original. No que diz respeito à relação entre estética e moral, uma análise da *Investigação sobre a virtude* pode nos oferecer uma boa via de pesquisa para compreensão da maneira peculiar com que Shaftesbury pensa os vínculos entre a beleza e a natureza humana.

IV. Desenvolvimento

Quando se propõe a realizar uma investigação acerca da virtude, a primeira dificuldade a que chega Shaftesbury é a constatação de que não se deve confundi-la com a determinação de regras de conduta ou com mero cumprimento de normas estabelecidas por certa sociedade ou grupo social. Seguir leis de modo cego e irrefletido não nos torna virtuosos. É preciso que se pergunte pelo sentido de nossas ações e que se questione sobre suas consequências. É, nesse sentido, que a ideia de uma investigação sobre a virtude já não pode ser pensada senão como uma exigência interior e própria do tema: é a execução mesma da virtude que demanda que se investigue quais são as diferenças, por vezes sutis, entre uma ação vil e uma nobre. Frente ao nível de complexidade que o tema da virtude apresenta, já não é mais tão simples distinguir o bom do mau ou o bem do mal. Shaftesbury nos lembrará que ninguém é totalmente mau e que mesmo em casos de homens delinquentes, capazes de cometer as maiores atrocidades, ainda é possível reconhecer traços de bondade que se manifestam em certas ocasiões, quando, por exemplo, se recusam a delatar seus comparsas ou companheiros de crime, diz-nos a *Investigação sobre a virtude*. O contrário é igualmente possível e pessoas tidas como as mais pacíficas e cumpridoras da ordem, podem ser, sob certas circunstâncias, as autoras de atos malévolos ou atroz. Estamos então diante de um assunto sinuoso, cuja variação e dificuldade aponta para a característica própria da

questão à qual, no limite, ele se vincula, a saber: toda sinuosidade da virtude deriva da natureza humana. É a natureza do homem que é complexa e que não se deixa facilmente apreender por meras definições ou simples fórmulas. Um exame coerente da virtude e da possibilidade de realização de ações morais não poderá, portanto, desprezar esses elementos que marcam o homem e seus modos de agir. A virtude é um tema eminentemente humano.

Diferentemente de todos os outros seres naturais, o homem é um ser moral, e isso implica reconhecer que ele é capaz de escolher e de raciocinar. “No animal”, afirma Laurent Jaffro, “o impulso não é controlado racionalmente, ele é motivado por representações passivas”⁴. Os animais obedecem cegamente às regras que a própria natureza lhes impõe e delas jamais se distanciam. Neles, essas regras confundem-se com seus instintos mais primordiais. O animal está então privado da possibilidade de escolha. Já o homem possui o que a *Investigação da virtude* define como sendo um *reflected sense*, isto é: um sentido refletido. Isso significa dizer que podemos não apenas sentir passivamente aquilo que nos toca e nos afeta, mas que temos também consciência de que somos tocados ou afetados. Essa consciência, que é uma reflexão acerca do que sentimos, garante-nos algo do qual os animais são desprovidos, a saber: somos ativos frente aos sentidos. É justamente por conta dessa atividade que nos tornamos capazes de formar noções abstratas a partir dos dados que os sentidos nos fornecem. Também por causa dessa atividade, tornamo-nos seres que podem escolher. Se para os demais membros do universo natural, nenhum outro caminho é oferecido senão aquele de seguir irrefletidamente a ordem que é a da própria natureza, para o homem um mundo de possibilidades é aberto quando passa a desenvolver esse poder ou atividade de refletir. Formigas e abelhas, exemplifica a *Investigação sobre a virtude*, atuam de modo constante e regular, jamais se afastando do modo peculiar que as caracteriza como membros de suas respectivas espécies. Os homens, por sua vez, caracterizam-se pela capacidade de sempre variar e um homem do futuro provavelmente agirá de maneira distinta dos de hoje. Essas variações podem ser vistas nos próprios costumes (*manners*) que se apresentam em tempos ou épocas (*times*) distintas ou entre nações ou povos diferentes.

⁴ JAFFRO, L. *La question du sens moral et le lexique stoïcien*, p.63.

Como dissemos, o universo humano é bem mais complexo e multifacetado do que o dos animais. Tal complexidade, como também vimos, caracteriza algo próprio de uma natureza moral, distinta da meramente natural. Shaftesbury não deixará de pensar o homem inserido na natureza, estabelecendo relações com o todo que o circunda, mas também não deixará de lembrar que o modo como ele participa da natureza é diverso: o homem reflete, raciocina e, por isso, seu pertencimento ao universo natural não se limita a uma participação passiva; é, antes, ativa.

Mas se a razão parece ser um ganho humano frente à condição de passividade com que vivem os animais e se a capacidade de agir e escolher os caminhos a seguir não deixa de ser um privilégio diante de todo um mundo para o qual existe apenas uma via reta e segura, a posse de tal faculdade acarretará certas dificuldades. Animais não têm o poder de formar noções abstratas como as de bom e mau, por isso também são incapazes de agir de maneira correta ou equivocada, em outras palavras: são amorais. Em termos shaftesburianos, isso quer dizer que não são afetados por seus sentidos de modo a causar qualquer tipo de destempero (*distemper*) suficiente para alterar sua conduta ou modo de proceder. O sentido refletido do homem (seu *reflected sense*), ao contrário, faz com que ele esteja sujeito a modificações e a todo tipo de alteração de comportamento que pode se manifestar em oscilações de humor, em mudanças de opiniões ou de convicções, de acordo com o modo como é afetado ou de como sente ou entende o que os seus sentidos lhes fornece. É então o próprio exercício da razão e da reflexão que, ao conferir ao homem um universo de possibilidades e de escolhas, o dispõe ao erro. Para Shaftesbury, na origem de todos os males e equívocos dos homens está a razão ou, antes, um mau emprego dela. Foi orientando-se por maneiras equivocadas de conceber as noções de valor, de justiça, de beleza ou de honra que os homens cometeram as maiores atrocidades de que a história nos dá testemunho. Mas é também pela razão que podemos acertar e encontrar modos convenientes de entender as mesmas noções de valor, justiça, beleza ou honra, isto é: julgá-las corretamente, não deturpá-las. Tudo então dependeria de um ajuste, de um equilíbrio de nossa capacidade de julgar, refletir ou raciocinar. A *Investigação sobre a virtude* compara os homens a instrumentos musicais que necessitam de afinações constantes para que deles se extraia o som mais adequado. Mas a afinação de um violino não é a mesma da de um piano, por exemplo, e mesmo entre violinos a peculiaridade com que um foi feito o distingue dos

demais, exigindo que aquele que o afina leve isso em consideração. Como cada homem é comparável a um instrumento individual, diz-nos a *Investigação*, cada um de nós em particular teríamos uma afinação própria que deveríamos buscar, isto é: somos nós que temos de nos afinar. E essa afinação não é outra coisa senão a própria virtude.

Por isso mesmo, a virtude não pode ser definida de modo a ignorar as peculiaridades dos modos que deve assumir de acordo com a situação em que surge como questão, considerando aquela ação e aquele agente aos quais se relaciona em certo momento. A análise da virtude não pode ignorar as condições que compõem a ação. Por esse mesmo motivo, Shaftesbury a definirá como um *sense of right and wrong*: um senso capaz de avaliar o que é correto e o que é errado conforme a situação. Definição essa que não permite esgotar a virtude em fórmula universal e necessária, válida para todos os casos. Sem deixar de ser ela mesma um tipo de sentido (um *sense*), a virtude terá de ser o mais refletido deles, por isso sempre exigindo o seu contínuo exercício e aprimoramento.

É desse ponto de vista que a noção shaftesburiana de virtude aproxima-se do julgamento que a observação da beleza demanda. Antes de exigir uma definição, o belo para Shaftesbury pede o exercício crítico e um constante aprimoramento do olhar daquele que o julga, como nos mostra o *Julgamento de Hércules* (*The judgement of Hercules*). Escrito por Shaftesbury no final de sua vida, em 1712, esse texto pretende apresentar uma pintura moral que tem como base uma história narrada por Xenofonte nos *Memoráveis* e na qual o jovem Hércules titubeia entre tomar um caminho virtuoso, mas com várias dificuldades e provações, ou seguir uma vida prazerosa e calma apresentada pela oponente da virtude, a volúpia (*pleasure*, no original). A exemplo da *Investigação*, aqui a virtude é apresentada como um caminho de difícil acesso: não é fácil atingi-la e o homem virtuoso é antes aquele que experimentou em si tormentos e destemperos do que aquele que permaneceu sempre inalterado ou alheio às inquietações. O quadro a ser pintado, afirma o *Julgamento de Hércules*, teria de mostrar todo esse processo pelo qual o herói passa e que o leva a optar pelo caminho da virtude. Assim, o que veríamos na pintura que se propõe seria então o próprio histórico da escolha de Hércules e os motivos pelos quais ela pode ser dita virtuosa. Shaftesbury contrata um pintor italiano, Paolo de Matteis, para executar o seu projeto de um quadro

moral. Na pintura feita por de Matteis vemos o personagem principal (Hércules) no centro da tela. À sua direita vemos a figura de uma mulher que ainda discursa e aponta, com o dedo em riste, para um caminho. À sua esquerda, outra mulher, deitada e em uma atitude insinuante, ladeada de objetos que lembram um festim, como taças e potes. A primeira delas é a virtude, a segunda a volúpia. O momento que o quadro representa é aquele que, segundo Shaftesbury, melhor indicaria todo o percurso do herói. Hércules está prestes a tomar o caminho indicado pela virtude e perpetuar seu caráter heroico, mas ainda se sente ligeiramente preso à vida de prazeres que a volúpia lhe propõe. Pintar o herói já decidido seria perder todo o processo que culmina na sua escolha pela virtude. Todo o esforço, toda deliberação que acompanham a ação virtuosa não estariam presentes. Shaftesbury dirá que esse quadro poderia ser mostrado para príncipes ou governantes, sobretudo nos momentos que precisam tomar uma decisão. Mas ao colocar-nos diante do modo como alguém atingiu a virtude (Hércules, no caso), o que esse quadro nos ensinaria acerca da própria virtude e do modo como ela é transmitida e cultivada? Posto de outro modo: feita objeto de contemplação estética, a virtude, e com ela toda a natureza humana à qual se liga, estaria revelando uma relação mais próxima com outra noção igualmente fundamental para a filosofia de Shaftesbury, a saber: a beleza? Eis o tipo de questão que se buscará analisar no decorrer desta pesquisa.

V. Metodologia de trabalho

Análise de temas e textos relacionados na Bibliografia. Pesquisa bibliográfica a ser realizada em bibliotecas, como a da USP. Participação em seminários e grupos de estudos e pesquisa (coordenados pelo supervisor Prof. Dr. Márcio Suzuki - USP), provável participação em cursos de pós-graduação, discussão com outros pesquisadores.

VI. Cronograma

Em seus 12 meses de duração, a presente pesquisa será feita a partir de 3 grandes etapas, cuja divisão foi orientada tendo em vista os eixos temáticos que compõem o trabalho como um todo. Vale aqui ressaltar que se considera a bibliografia aqui

apresentada passível de acréscimos e que deverá ser aprimorada pela pesquisa bibliográfica a ser feita durante o período de pesquisa.

a) Natureza humana e organização do universo moral

Leituras previstas:

BIZIOU, M. Shaftesbury – le sens moral. Paris: PUF, 2005.

SHAFTESBURY, “An Inquiry concerning vertue, or merit”. In: *Characteristicks of Men, Manners, Opinions, Times*. Edição de P. Ayres. Oxford: Oxford UP, 1999. Vol. II. (Primeiras seções da obra)

_____ “The Moralists”. In: *Characteristicks of Men, Manners, Opinions, Times*. Edição de P. Ayres. Oxford: Oxford UP, 1999, Vol.II.

_____ *Several letters written by a Noble Lord to a Young Man at the university*. Oxford: Editado por J. Roberts, 1716.

KLEIN, R. *Shaftesbury and the culture of politeness – moral discourse and cultural politics in early eighteenth-century England*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

JAFFRO, L. *Éthique de la communication et art d’écrire – Shaftesbury et les Lumières anglaises*. Paris: P.U.F, 1998.

b) Estética e moral

Leituras previstas:

JAFFRO, L. “Le choix d’Hercule: le problème artistique de l’expression du moral dans la tradition shaftesburienne”. In : *Revista Dois Pontos, Filosofia e Pintura*, UFPR/UFSCar, 2014.

SHAFTESBURY, “An Inquiry concerning virtue, or merit”. In: *Characteristicks of Men, Manners, Opinions, Times*. Edição de P. Ayres. Oxford: Oxford UP, 1999. Vol. II (Últimas seções obra)

_____ “The judgement of Hercules”. In: SHAFTESBURY, *Anthony Ashley Cooper, the Third Earl of Shaftesbury Standard Edition*. Editado por W. Brenda, W. Lottes, F. A. Uehleim e E. Wolff. Stuttgart: Frommann-Holzboog, 2001, Aesthetics, I, 5.

_____ *Exercices*. Tradução francesa de Laurent Jaffro. Paris: Aubier, 1993.

PIMENTA, P.P. *A linguagem das formas – natureza e arte em Shaftesbury*. São Paulo, Alameda, 2007.

WIND, E. “Shaftesbury as a patron of art”. In: *Hume and the heroic portrait – studies in Eighteenth-Century imagery*. Oxford: Clarendon Press, 1986.

c) Repercussão e desdobramentos da maneira shaftesburiana de considerar a relação entre estética e moral: Diderot tradutor de Shaftesbury

Leituras previstas:

BADELON, F. “Introduction”. In: *Oeuvre de Milord Shaftesbury*. Paris: Champion, 1999.

CHOUILLET, J. *La formation des idées esthétiques de Diderot*. Paris: Colin. 1973.

DIDEROT, D. ; D’ALEMBERT, J. *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. Disponível em: <https://encyclopedie.uchicago.edu/>.

DIDEROT, D. e SHAFTESBURY *Essai sur le mérite et la vertu: principes de la philosophie morale (1745)*. Edição de Jean-Pierre Jackson. Paris: Alive, 1998.

DIDEROT, D. *Oeuvres esthétiques*. Introdução e notas de P. Vernière. Paris : Garnier Frères, 1959.

WILSON, A. M. *Diderot*. Tradução de Bruna Torlay. São Paulo: Perspectiva, 2012.

VII. Atividades previstas

Além da pesquisa bibliográfica a ser feita em bibliotecas, pesquisa que enriquecerá a bibliografia apresentada no presente projeto, pretende-se fazer parte de seminários, de cursos e de grupos de estudo que se atenham a temáticas afins, isto é: à filosofia e à estética do século XVIII e aos seus desdobramentos nos anos posteriores. Espera-se que a pesquisa realizada possa dar ensejo à publicação de estudos e artigos em periódicos ou livros especializados, com ênfase na área de filosofia e estética.

VIII. Bibliografia

BADELON, F. “Introduction”. In: *Oeuvre de Milord Shaftesbury*. Paris: Champion, 1999.

BELAVAL, Y. *L' esthétisme sans paradoxe de Diderot*. Paris : Gallimard, 1950.

BIZIOU, M. *Shaftesbury – le sens moral*. Paris: PUF, 2005.

BRUGÈRE, F. e MALHERBE, M. (Org.) *Shaftesbury. Philosophie et politesse*. Paris: Champion, 2000.

CASSIRER, E. *A filosofia do iluminismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

CRISPINI, F. *L'etica dei moderni – Shaftesbury e le ragioni della virtù*. Roma: Donzelli Editore, 2000.

CHOUILLET, J. *La formation des idées esthétiques de Diderot*. Paris: Colin. 1973.

DIDEROT, D. ; D'ALEMBERT, J. *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. Disponível em: <https://encyclopedie.uchicago.edu/>.

DIDEROT, D. e SHAFTESBURY *Essai sur le mérite et la vertu: principes de la philosophie morale (1745)*. Edição de Jean-Pierre Jackson. Paris: Alive, 1998.

DIDEROT, D. *Oeuvres esthétiques*. Introdução e notas de P. Vernière. Paris : Garnier Frères, 1959.

_____ *Diderot Obras II (Estética, Poética e Contos)*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____ *Oeuvres*. Paris: Pléiade, 1990.

FRANKLIN DE MATOS, L.F. *O filósofo e o comediante*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

GATTI, A. “*Il gentile Platone d’Europa*” – *Quattro saggi su Lord Shaftesbury*. Udine: Campanotto Editore, 2000.

GREAN, S. *Shaftesbury’s philosophy of religion and ethics: a study in enthusiasm*. Ohaio: OUP, 1967.

KLEIN, R. *Shaftesbury and the culture of politeness – moral discourse and cultural politics in early eighteenth-century England*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

JAFFRO, L. *Éthique de la communication et art d’écrire – Shaftesbury et les Lumières anglaises*. Paris : P.U.F, 1998.

_____ *Shaftesbury on the Cogito. An intermediary between Gassendism and the Common Sense School*. In: *Il Gentleman filosofo – nuovi saggi su Shaftesbury*, sob a responsabilidade de Giancarlo Carabelli e Paola Zanardi. Il Poligrafo, Padova, 2003 pp.111-126.

_____ *La question du sens moral et le lexique stoïcien*. In: *Shaftesbury – philosophie et politesse*. Honoré Champion Éditeur : Paris, 2000.

_____ “Le choix d’Hercule: le problème artistique de

l'expression du moral dans la tradition shaftesburienne”. In :
Revista Dois Pontos, *Filosofia e Pintura*, UFPR/UFSCar, 2014.

LARTHOMAS, J.P. *De Shaftesbury a Kant*. Paris: Didier Érudition, 1985.

NASCIMENTO, L.F.S. *Shaftesbury e a ideia de formação de um caráter moderno*. São Paulo: Alameda, 2012.

PIMENTA, P.P. *A linguagem das formas – natureza e arte em Shaftesbury*. São Paulo: Alameda, 2007.

SHAFTESBURY *Characteristicks of Men, Manners, Opinions, Times*. Edição de P. Ayres. Oxford: Oxford UP, 1999. Vol. I e II.

_____ “The judgement of Hercules”. In: SHAFTESBURY, *Anthony Ashley Cooper, the Third Earl of Shaftesbury Standard Edition*. Editado por W. Brenda, W. Lottes, F. A. Uehleim e E. Wolff. Stuttgart: Frommann-Holzboog, 2001, *Aesthetics*, I, 5.

_____ “Design of a Socratic History”. In: *Shaftesbury (Standard Edition)*. Editado por W. Benda, G. Hemmerich, W. Lottes, U. Schöldbauer, E. Wolf. Stuttgart: Fromman-Holzboog, 2006.

_____ *Soliloque ou conseil à un auteur*. Tradução de D. Lories. Paris: L'Herne, 1994.

_____ *The Life, Unpublished Letters and Philosophical Regimen of Anthony, Earl of Shaftesbury*. Editado por Benjamin Rand. London: Swan Sonnenschein, 1900.

_____ *Several letters written by a Noble Lord to a Young Man at the university*. Oxford: Editado por J. Roberts, 1716.

_____ *Exercices*. Tradução francesa de Laurent Jaffro. Paris: Aubier, 1993.

_____ *Oeuvres de mylord comte de Shaftesbury*. Editado por Françoise Badelon. Paris, Honoré Champion Éditeur, 2002.

WILSON, A. M. *Diderot*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

WIND, E. "Shaftesbury as a patron of art". In: *Hume and the heroic portrait – studies in Eighteenth-Century imagery*. Oxford: Clarendon Press, 1986.